









x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

## 2.1. OS INDEPENDENTES DE PERNAMBUCO

Os Independentes não definiram em sua "carta de princípios" nenhum novo cânone de motivação estética, na verdade a ausência de um cânone é o que caracterizava a produção do Movimento. O aspecto anárquico se consolida nas posições politico-filosóficas e, principalmente estéticas, tornando-se uma antecipação do que mais tarde nos diria R. Reis em *O Cânon* sobre este elemento norteador presente em quase todas as literaturas, delimitando a validade da produção artística, em nome de um aparelho do estado, porque neste caso "o discurso da alta cultura tem, o mais das vezes, estado a serviço do poder e do Estado" (1992, p.69) emitindo e conservando a relação entre qualidade de texto artístico e a ideologia das elites intelectuais.

Sobre este aspecto vale lembrar o que Francisco Espinhara deixou registrado em seu livro *Movimento dos escritores independentes de Pernambuco* no que diz respeito às relações entre arte, história e poder:

Dos dicionários mais estranhos, tesouro vocabular de um povo, aos frios compêndios de Ciências, fonte inesgotável de tecnologia, os livros não seriam possíveis sem uma história evidente ou intrínseca. Se dissesse o oposto, que a história seria possível sem os livros, estaria incorrendo em uma inverdade, pois ela, a História, sempre se houve por si só, acontecendo, ainda que para existir precise de "pensantes" que a façam acontecer. Pode parecer uma contradição, mas a história-história, com raríssimas exceções, nunca foi contada e transcrita a contento, foi sempre a opereta dos poderosos, vencedores, manipuladores, exterminadores, daqueles que fizeram "bom uso" dos seus dicionários e de seus compêndios de "ciências", as histórias circundantes foram sufocadas ou negligenciadas a grupos chamados de minorias étnicas ou étics. (ESPINHARA, 2000, p.11).

Aqui vislumbro uma grande diferença entre os autores dos anos 70 que já se tornavam institucionalizados e sua prática do poema minuto e irônico iniciado em nossa literatura por Oswald de Andrade no início do Modernismo e a proposta anticanônica e politizada dos independentes dos anos 80 que se traduz no documento manifesto intitulado "Carta de princípios" redigida ainda no evento de fortaleza. No pensamento de Espinhara e seus coevos, nota-se a













x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

coletivos e, na Livraria Síntese, na Rua do Riachuelo, com o apoio e a generosidade da livreira Sueli, seus lançamentos individuais, que também ocorriam com menor frequência na livraria Livro 7, de Tarcísio Pereira.

Se a Livro 7 foi essencial para a consolidação da “Geração 65” de poetas pernambucanos e não deixou de ter sua importância para os Independentes, a Síntese, a Praça do Sebo, o Beco da Fome e a frente das Lojas Americanas na Rua Sete de Setembro (cujo gerente fazia jogar sobre os poetas baldes e mais baldes de água com o intuito de parar os eventos literários aos sábados) foram o eixo da Identidade e da cidadania literária dos Escritores Independentes junto com as ruas do centro da cidade.

Aí o Movimento chegou a lançar 29 livros em um só ano, e fez circular mais de 10 jornais nanicos, entre eles o *Americanto*, o *Lítero-Pessimista*, o *Contágil*, o *Mandacaru*, *Cochicho*, o *Lírica*, o *Poética*, o *Cântaro* e o *Poemar*, que se tornaram mais conhecidos em virtude de uma participação mais ativa de seus editores.

Se os jornais e os livros eram importantes para a consolidação dos espaços e da produção artística do Movimento, outras frentes foram organizadas no sentido de abrir trincheiras para a “batalha pelo poema” que os poetas travavam diariamente e que se tornou um dos folhetos lançados em conjunto por Eduardo Martins, Francisco Espinhara e Pedro do Amaral.

Entre estas atividades destacam-se: feiras de livros, varais, exposições de pôsteres-poemas ilustrados, recitais, chuva de poesia, happenings e performances que tomavam conta do centro histórico e revitalizavam não seus esqueletos de concreto, mas a essência transubstanciadora da cidade. Uma real apologia ao que de mais singelo e cristalino representa a cultura recifense: o lirismo.

Uma verdadeira embolia de muita coisa que parecia morta na cultura da região e que ressurgiu com força e magia pelas mãos e pela voz da juventude em espaços gerados com apoio dos que souberam recepcioná-los, entre eles: Sueli, da Síntese, que teve por diversas vezes a frente e



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

adjacências do estabelecimento ocupadas pelos Independentes em lançamentos, recitais e exposições de poemas, além de outros que foram conquistados de assalto pelo Movimento, como a Rua da Roda.

Neste período, Alberto da Cunha Melo ressalta, em sua coluna, no *Jornal do Commercio*, a importância do trabalho do Movimento no que diz respeito ao resgate da oralidade da nossa poesia. Este nos parece ser um ponto de crucial importância do Movimento, porque o identifica com as práticas dos poetas populares.

Tal traço artístico oriundo da cultura nordestina aparece em virtude das relações de proximidade do Grupo com os poetas cordelistas e emboladores que ocupavam a Fundação Casa das Crianças de Olinda, onde os independentes chegaram a realizar dois encontros em nível regional em 1981 e 1982, respectivamente.

Esta vertente, muito bem representada dentro do grupo por poetas como Wilson Freire e Adelmo Vasconcelos trazia para os recitais o gosto e o sabor da cultura popular ligada ao cordel e a cantoria, embora não fosse marca única do trabalho desses autores.

### 3. CONCLUSÃO

O Movimento dos Independentes cresceu vertiginosamente, a despeito do preconceito e da ignorância de quem chegava a duvidar de sua existência enquanto Movimento. Incorporou outras artes como a música, a pintura e a charge. Abriu novos leques de interação, mas com a mesma velocidade com que cresceu o Movimento sucumbiu, após a dissolução do grupo embrionário, por volta de 1987, com a saída de Eduardo e Espinhara para Rondônia, Cida para o interior de Pernambuco, Héctor para o Maranhão e o afastamento de Fátima das rodas literárias da época.

Como todo movimento destituído de seu referencial de organização mínima e possuindo muitos adeptos de ocasião, os Independentes viram



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

inúmeros de seus sonhos se atolarem na imensidão dos mangues do Recife e assistiram caroneiros e oportunistas de plantão se vangloriarem de uma pseudo participação no Movimento, que muitos viram inicialmente com ironia, mas posteriormente, quando a cidade parecia já ter assimilado sua existência e seus rompantes, obtinham referências positivas dos meios acadêmicos e da mídia, prestando depoimentos como partícipes ou incluindo-se numa história que não lhes pertencia.

Por isso e por muito mais que isso, acreditando que o mundo dá suas voltas e que é necessário retomar o passado em suas águas mansas, resolveram insistir neste resgate, porque as águas passadas, ao contrário do que muitos pensam, só movem moinhos, intermináveis e ininterruptos, profundos e ágeis como estes ventos que nos sopram os ares da história a renovar e reler esses tempos de “juventude e fé”.

#### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRILHANTE, Bráulio. Apresentação. Ap. In: ESPINHARA, Francisco. **Sangue ruim**. Recife: Edição independente, 2005.

COUTINHO, Afrânio e SOUSA, J. Galante de. **Enciclopédia de literatura brasileira**. São Paulo: Global Editora, 2001, (vol.II).

ESPINHARA, Francisco. **Movimento dos escritores independentes**. Recife: Editora Universitária, 2000.

GONÇALVES, Aguinaldo. A lírica sitiada de Eduardo Martins. (ap). In: MARTINS, Eduardo. **O lado aberto**. Porto Velho: Edufro, 2004.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo, Ática, 1994.

